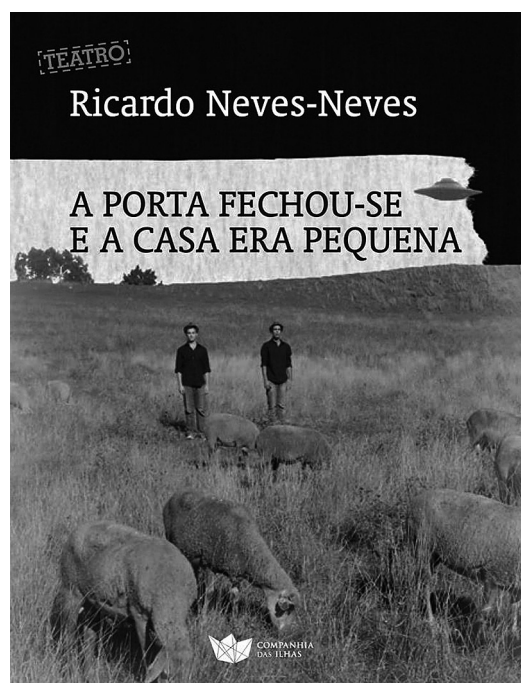


Uma orquestra de palavras

Emília Costa

É que bater à porta já não se usa. Nos tempos que correm, e sinto-me no dever de dar o exemplo, pelo menos à geração mais nova, nos tempos que correm porta minha não é batida. Porta minha não aceita pancada.

Ricardo Neves-Neves (2013: 12)



Ricardo Neves-Neves, *A porta fechou-se e a casa era pequena*, Lajes do Pico, Companhia das Ilhas, col. Azulcobalto/teatro, n.º 4, 2013, 59 pp.

Ricardo Neves-Neves, diplomado em Teatro-Actores na Escola Superior de Teatro e Cinema, fundou, em 2008, o Teatro do Eléctrico, onde tem vindo a desenvolver as suas múltiplas aptidões como dramaturgo, encenador e actor.

Com apenas 28 anos já é autor de uma importante obra dramaturgica, da qual se destacam: *O regresso de Natasha* (2005), *Manual* (2008), *A porta fechou-se e a casa era pequena* (2010), *O solene resgate* (2012) e *Mary Poppins, a mulher que salvou o mundo* (2012)¹.

A porta fechou-se e a casa era pequena estreou, em Junho de 2010, numa versão curta, na Ribeira, em Lisboa, tendo a versão que constitui o presente livro sido representada, pela primeira vez, em Dezembro de 2010, também na Ribeira. Depois disso teve várias temporadas noutros palcos, em várias zonas do País.

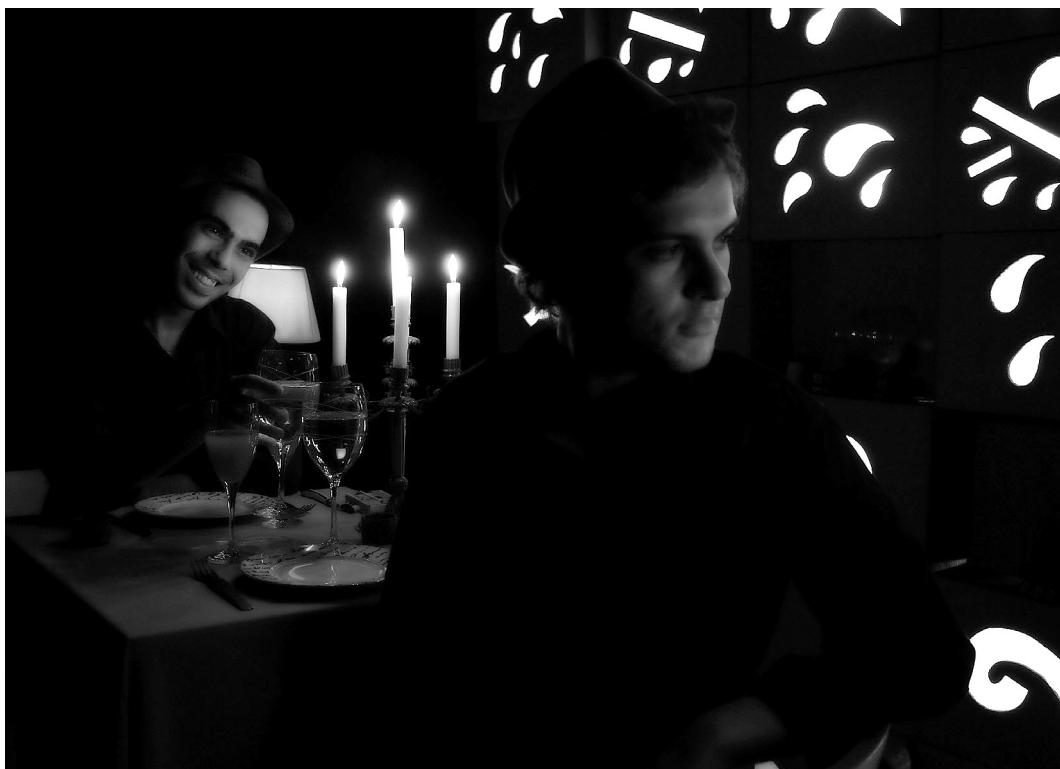
Quem já tenha assistido a algum espectáculo deste multifacetado criador compreenderá que a publicação das suas peças só peca por tardia. Na realidade, e apesar da sua juventude, Ricardo Neves-Neves tem vindo a revelar-se um dos mais promissores dramaturgos/encenadores do panorama teatral português.

Possuidor de um ímpar sentido de humor, em *A porta fechou-se e a casa era pequena*, Ricardo Neves-Neves consegue aliar a sonoridade poética das palavras a uma temática tipicamente portuguesa, convocando o absurdo para um simples acto do quotidiano – a procura de uma casa. Pela voz de um cliente, são passadas em revista as incongruências arquitectónicas das casas lisboetas, desafiando-se numa métrica musical os estereótipos associados a cada um desses tipos de casas. O leitor/espectador é levado a rir das suas próprias fantasias, dos absurdos das suas escolhas, revendo-se no cliente que, por exemplo, transportado pela ideia romântica de viver numa casa bairrista, com azulejos na parede, tectos trabalhados e vasos nas varandas não se importa com o cheiro a mijo à porta, com a garagem inexistente, com o 5º andar sem elevador e com as baratas no *pladur*. Ou revendo-se na incoerente escolha de uma casa bidimensional, que, apesar de amorosa, de tão minúscula que é, quase não se cabe lá dentro. E, de repente, a problemática habitacional transforma-se numa paródia delirante sobre um encontro amoroso, onde cliente e agente imobiliário, na procura impaciente de empatias, desconversam, num diálogo de surdos. Ainda há tempo para o cliente se brindar com uma queda aparatosa e, ao se dirigir ao hospital mais próximo, ser atendido por um médico russo que não entende a língua portuguesa, ou para o súbito ataque psicótico do cliente que dispara e esfaqueia o agente imobiliário. Por fim, num epílogo surpreendente, a invasão extraterrestre do Planeta Zion K-Line que se prepara para acabar com a vida humana através de sodomia.

A história ora é contada em pequenos quadros (parte I), ora em diálogo (parte II) ora numa espécie de monólogo corrido (parte III), mas sempre em ritmo acelerado, correspondendo cada suspensão da palavra a uma mudança de quadro ou de cena. E se o ritmo utilizado é próprio do teatro da revista, já a temática e o modo como as palavras se jogam entre si relembram o teatro do absurdo.

¹ Publicado pelos Artistas Unidos / Cotovia em 2014.

>
*A porta fechou-se e a casa
era pequena,*
texto e enc. Ricardo
Neves-Neves,
Teatro do Eléctrico, 2010
(Vitor Oliveira e Ricardo
Neves-Neves),
fot. Raquel Albino.



O próprio tema das palavras, dessa complicada interação, é, aliás, recorrente na peça:

Nunca uso a linguagem para nada de realmente importante. Para isso, sirvo-me puramente de tinidos, sustentados por uma intenção [...] Às vezes penso nas palavras e fico mal disposto. E quando penso nas combinações silábicas e nas palavras e nas várias combinações de palavras e assim já são expressões, às vezes complicadíssimas para os estrangeiros, e que têm o mesmo sentido, as várias, que têm um mesmo significado, nessas alturas sinto-me perdido. (p. 33)

Não é, na realidade, na temática da peça, nos seus absurdos e clichés, ou mesmo na sua inteligente ironia, que esta peça nos surpreende e cativa, pois o que fundamentalmente a torna única, inexplicavelmente encantadora, é o modo como as palavras se agregam, se conjugam, se atropelam, se repelam, numa brincadeira musical contínua, formando uma partitura irrepreensível. A referência à música não é ocasional. Ricardo Neves-

Neves teve doze anos de formação musical e essa influência é patente na sua escrita, no modo como transforma as palavras em autênticas notas musicais e a peça numa verdadeira orquestra de palavras.

Essa capacidade singular de procurar a música na palavra leva à construção de uma narrativa poética que, para além de divertir, delicia os ouvidos. As palavras escritas por Ricardo Neves-Neves nasceram para ser ditas, exigem, pela beleza da sua sonoridade, a expressão vocal. E mesmo quando são apenas lidas a sua força expressiva impõe-se, ressoando na nossa memória a sua sonoridade, como a excelente expressão "o antónimo de desiludido" (p. 13).

Poesia, música, ironia e inteligência numa peça original que decididamente se recomenda.